

Especulação é o grande problema

Marcelina Feitosa, três filhos, moradora da QNM 3 Conjunto H Casa 43, veio da Vila Esperança para a Ceilândia em 1972. Ela reclama de não ter conseguido ainda receber o carnê para quitação do lote, « quando a casa à direita da minha, do Frei Cirino, já foi quitada ». Lembra Marcelina ter gasto dez dias para construir o seu barraco quando ela chegou com sua família a Ceilândia. Hoje, no entanto, diz ela, alugo o barraco do fundo para poder terminar a construção da minha casa de alvenaria, pois não é fácil mecher com isso. Os quartos de aluguel do seu barraco variam de preço, uns com mensalidades de 350 cruzeiros e outros de 500 cruzeiros.

DISCRIMINAÇÃO?

Maria José Sirqueira, também com três filhos, veio da Vila Esperança em 1972, « mas não consegui receber um lote, e estou aqui vivendo de aluguel de um dos quartos da dona Marcelina ». Explica ela que foi impossibilitada de receber um lote na Ceilândia por não ter um ano de residência na Vila Esperança. « Eu estava lá a apenas sete meses quando ficamos sabendo da mudança. O pessoal da Secretaria de Serviços Sociais dizia que eu não tinha direito, só se sobrasse algum lote. Parece que não sobrou nada e eu fiquei no tempo com meus filhos. Meu marido



Joveny Maria quer guarda na porta

faleceu depois. Passeio muitas necessidades, fui até pião de obra, pois meu filho mais velho tem hoje 12 anos. Quando eu vi que assim não dava, arrumei outro marido, mas as coisas não melhoraram. Inscrevi na SHIS há muito tempo, mas a gente não tem esperança de receber casa. Mesmo assim a gente espera, não é? »

O casal Honorato de Oliveira Silva, veio do Maranhão, de uma cidade chamada Vitorino Freire em 1974. Morando na Guariroba, ele recebeu a sua casa da SHIS em 1978, pagando por ela uma prestação de 386 cruzeiros mensais. — A gente só não sabe é quando acaba de pagar isso, mas é melhor que viver de aluguel de um lado para outro, pois aqui na Ceilândia o aluguel está um absurdo, e casa mesmo ninguém en-

contra para alugar por um preço abaixo de 3 mil cruzeiros.

UNIVERSIDADE

Existem também aqueles moradores que reivindicam até uma Universidade para a Ceilândia, como é o caso de Manoel Francisco de Paula, barbeiro, morador da QNM 3 Conjunto C Lote 8. Segundo ele, « é melhor a gente começar a pedir as coisas logo para na época que precisar mesmo não ter mais problema, pois do jeito que a Ceilândia vem desenvolvendo qualquer dia desse os filhos da gente precisam de uma universidade dentro de casa ».

Como barbeiro, Manoel Francisco diz fazer uma média de seis mil cruzeiros, « espero que as coisas melhorem dia a dia, pois essa cidade é uma jóia e está cada vez ficando melhor ».

Joveny Maria Batista Campos, 6 filhos, trabalha na Casa do Candango em Ceilândia, e veio da Metropolitana em 1972.

— O que me queixo aqui — diz ela — é da falta de segurança. Precisávamos de um guarda na porta de cada colégio, pois são poucas as mães que se sentem despreocupadas quando os seus filhos se deslocam para as escolas, já que temos aqui apenas uma delegacia, e dificilmente a gente encontra um guarda em trabalho pelas ruas.